

EXPRESSÕES FORMULAICAS E *COLLOCATIONS* EM INGLÊS: UMA PROPOSTA DE DESCRIÇÃO POR MEIO DE ESQUEMAS DE IMAGEM

Formulaic Expressions and Collocations in English: a proposal of description by means of image schemas

Gabrieli Damada

RESUMO: Tradicionalmente, o aprendiz de uma língua busca entender um texto, palavra por palavra, para construir a interpretação. Essa postura dificulta o desenvolvimento da aprendizagem, pois todo idioma tem *collocations*¹. Embora essas colocações se acomodem na mente do falante nativo naturalmente, acabam por dificultar a fluência por parte dos aprendizes de inglês. Logo, este trabalho tem como objetivo descrever algumas colocações do inglês por meio da Teoria dos Esquemas de Imagem. Pretendemos mostrar por meio das análises que o conceito de linguagem corporificada (LAKOFF; JOHNSON, 1980) contribui efetivamente para a aprendizagem do inglês. As colocações analisadas provêm de textos jornalísticos, anúncios publicitários e situações de uso. Espera-se que este trabalho ofereça subsídios para que se possa considerar o aprendizado das *collocations*, como um elemento importante no ensino de inglês a falantes de português.

Palavras-chave: *Collocations*; Esquemas de Imagem; Linguística Cognitiva; Linguagem Corporificada

ABSTRACT: Traditionally, a foreign language learner tries to understand a text meaning of word-by-word in order to interpret. This kind of behavior makes the development of the learning process more difficult as all languages have *collocations*. Even though these *collocations* settle in the native speaker's mind in a natural way, they hinder the fluency in English of people who are learning it as a foreign language. Therefore, this research study aims to describe some English *collocations* through the Image Schema Theory. We also intend to demonstrate, through the analyses of *collocations* that the concept of embodied language (LAKOFF; JOHNSON, 1980) effectively contribute to the learning of English. The *collocations* analyzed are taken from newspaper texts, advertisements, and examples of English usage. Moreover, this research study aims to contribute to the view of *collocation* learning as an important aspect of the English teaching process to Portuguese speakers.

Keywords: Collocation; Image Schema; Cognitive Linguistic. Embodied Language.

¹ Entende-se por *collocation* combinações fixas mais usadas e preferidas em relação a outras construções.

Introdução

Os estudos sobre o ensino de língua estrangeira têm abordado a necessidade de se trabalhar com as combinações especiais de itens lexicais. Afinal, essas combinações², embora se acomodem na mente do falante nativo de maneira natural, acabam por dificultar a fluência por parte dos aprendizes de língua inglesa como língua estrangeira.

Mais conhecidas como *collocations*, essas combinações estão relacionadas com o conhecimento de mundo do falante, uma vez que a tradução por composicionalidade ou a observação da estrutura sintática não esclarecem o jogo de produção de sentido construído.

Ressalte-se que as colocações não são um fenômeno restrito à língua inglesa, todo idioma é repleto de combinações. Em Portugal, utiliza-se *estou a fazer um bolo* em vez de *estou fazendo um bolo*; *está a arrefecer* em vez de *está esfriando*. Temos ainda, no espanhol, *negocios sin ánimo de lucro* que, em português, significa *empresa sem fins lucrativos*. Em todos esses casos, um falante nativo certamente nos compreenderia com certa facilidade, caso utilizássemos a estrutura comum ao português, mas identificaria o problema com o uso na combinação entre palavras.

Desse modo, percebemos que, dentro da língua, os momentos ritualizados de comunicação estão cheios de combinações originárias da rotina do discurso, o que exige um novo olhar para o ensino de língua inglesa.

Sabemos que a maioria dos manuais didáticos aborda de maneira superficial esses blocos lexicais ou, às vezes, nem chegam a oferecer conteúdos relacionados a esse tema.

Logo, para que os discentes aprendam sobre a língua em uso e tenham a aquisição de fluência potencializada, faz-se necessário propor uma abordagem mais adequada para o ensino dessas formas.

Quando lemos artigos sobre expressões idiomáticas, por exemplo, percebemos sempre a presença de uma abordagem apenas lexical. Os teóricos dessa linha acreditam que a gramática já está integrada nas combinações, ou seja, consideram mais importante decorar uma sequência de expressões prontas, do que identificar suas partes e seus respectivos usos.

² Entendemos por combinação a coocorrência de palavras ou termos mais de uma vez.

Portanto esta pesquisa se propôs a analisar a questão semântica das colocações do inglês, por meio da Teoria dos Esquemas de Imagem com enfoque no processo de ensino-aprendizagem. E, a partir disso, fornecer subsídios para a realização de um trabalho diferenciado com o ensino de língua inglesa, especificamente no que diz respeito ao conteúdo semântico das colocações do idioma.

Fruto da Linguística Cognitiva, os esquemas de imagem funcionam como mapeamentos mentais, advindos da relação entre nossos corpos e o mundo. Em suma, oferecem a chance de relacionarmos os significados prototípicos às possíveis metáforas.

Os primeiros a tratarem dessa interação entre o nosso corpo e o meio foram Lakoff e Johnson (1980), que partem do pressuposto de que os esquemas de imagem são estruturas recorrentes em nossa experiência sensório-motora e nos auxiliam a construir conceitos. E, ainda, afirmam que essa interação surge durante a infância, junto de nosso desenvolvimento motor.

De acordo com Peña (2008), os esquemas de imagem são padrões recorrentes de experiências que são abstratas e topológicas por natureza. Por conseguinte, são alteradas a todo instante, principalmente quando coocorrem com outra experiência gestáltica³. A partir do tipo de interação e projeção criaram-se taxonomias para os esquemas, tais como: CONTÊINER; PERCURSO; CONTATO; LIGAÇÃO; DINÂMICA DE FORÇA⁴; dentre outros.

Em suma, o modelo cognitivo possibilita mostrar a funcionalidade das combinações idiomáticas para o aluno e, sobretudo, tornar a aquisição de uma língua estrangeira mais significativa. Pois, como supracitado, o grande problema é compreender a produção de sentido, que nada tem a ver com a tradução isolada das palavras.

³ Gestalt é uma teoria vinculada à psicologia da percepção, fundamentada na tese de que o todo é maior do que a simples soma de suas partes (ABREU, 2010, p. 44).

⁴ Por convenção os nomes dos esquemas de imagem são sempre transcritos em letras maiúsculas.

1 Referencial Teórico

1.1 Linguística Cognitiva

A Linguística Cognitiva emergiu em meados da década de 70, devido à insatisfação de alguns estudiosos com as abordagens formais. Basicamente, os trabalhos tinham como princípio explicar a categorização realizada pela mente humana (EVANS, GREEN, 2006, p.23), levando em consideração "a capacidade que os seres humanos têm de processar informações adaptando-se às mais variadas situações possíveis, num curto espaço de tempo" (ABREU, 2010, p.9). No início, poucos estudiosos dedicaram-se à abordagem cognitiva; todavia na década de 90 ocorreu um aumento na produção de trabalhos em relação às outras faculdades e os pesquisadores passaram a se identificar como linguistas cognitivistas. Pode-se dizer assim que ocorreu a institucionalização da Linguística Cognitiva, a qual tinha como princípio básico a ideia de que "a linguagem não é uma faculdade autônoma em relação às outras faculdades humanas como a visão, a audição, a memória, a capacidade de pensar e se emocionar" (ABREU, 2010, p. 9-10).

Eram várias perguntas que essa ciência tentava responder temos: Os conhecimentos são inatos ou empíricos? Qual é a organização/ representação do conhecimento na mente? Como ocorre a organização da memória?, dentre outras. Diante disso, o conceito de mente e cognição passaram a ser fundamentais para os estudos, principalmente, por causa da abordagem cognitiva deixar de considerar só a relação linguagem- memória, para se debruçar sobre questões como o movimento corporal, ou seja, o que permite que a gente se locomova sem esbarrar nos outros. Lakoff (1990 apud EVANS; GREEN, 2006) caracterizou a Linguística Cognitiva a partir de dois princípios. São eles: o princípio da generalização, que é um compromisso com a caracterização de princípios gerais que são responsáveis por todos os aspectos da linguagem humana e o princípio cognitivo, um compromisso que visa a oferecer a caracterização dos princípios gerais de uma língua de acordo com o que é conhecido sobre a mente e o cérebro humano. A busca por observar o sistema, a estrutura e a função de uma língua evidencia que há alterações de um idioma para o outro, mas

sempre há padrões que se mantêm, pois, alguns princípios cognitivos são compartilhados.

Logo, a Linguística Cognitiva não propõe princípios universais, mas pressupõe a existência de um conjunto de habilidades que nos auxilia no desenvolvimento de nosso repertório de conceitos e, além disso, tem estrita relação com a nossa bagagem cognitiva.

1.2 A Teoria dos Esquemas de Imagem

Na Semântica Cognitiva, a concepção de esquemas de imagem é essencial para explicarmos as origens corporificadas presentes no pensamento do ser humano e no processo de significação. Os dualismos presentes na filosofia ocidental são substituídos nos estudos da neurociência por uma visão holística, na qual "a teoria da divisão entre mente e corpo não se sustenta" (ABREU, 2010, p.29). Visto que, como apontam os estudos realizados por Damásio (1996), nossa mente é ligada ao nosso corpo, afinal não há como separá-los. Surge assim a necessidade de ilustrar o como a razão se utiliza de nosso sistema sensorio-motor e da percepção, para construir significados dentro da linguagem. Essa interação física do nosso corpo com o espaço recebeu o nome de *esquemas de imagem* (LAKOFF; JOHNSON, 1999).

Segundo Abreu (2010, p. 31) "esses esquemas são padrões estruturais recorrentes em nossa experiência sensorio-motora, que quase sempre, servem para estruturar conceitos complexos". Além disso, Johnson (1987) afirma que os esquemas de imagem são resultados de nossas experiências sensoriais e interações com o mundo. A experiência, aqui, tem um sentido mais amplo que envolve, além da percepção física, as emoções, a dimensão histórica, social e cultural do falante. Esse tipo de experiência surge junto do nosso desenvolvimento físico e psíquico durante a nossa infância, por conseguinte, os esquemas de imagem não podem ser considerados como estruturas inatas de conhecimento (EVANS; GREEN, 2006). O termo *image* é equivalente ao uso na área de psicologia, na qual o imagístico deriva da nossa experiência externa com o mundo, ou seja, está relacionado com todos os tipos de percepções sensoriais (visão, olfato, tato, audição, paladar, equilíbrio). Enquanto *schema* significa que não são

conceitos ricos em detalhes, mas conceitos abstratos que emergem de repetidas experiências corpóreas. Se considerarmos a palavra *thing* podemos dizer que ela tem um significado mais esquemático do que *pencil* (EVANS; GREEN, 2006). De acordo com Evans e Green (2006), os esquemas de imagem são um tipo especial de conceptualização, pois eles são os primeiros a emergir na mente humana. Consideram assim que eles são tão fundamentais quanto a nossa maneira de pensar, pois surgem de nossa interação com o mundo físico e se repetem como traços inconscientes, pois é na infância que adquirimos esse conhecimento. Dessa maneira, identificaram-se alguns tipos de esquemas de imagem principais que exemplificam a corporificação dentro da língua.

1.2.1 Os Tipos de Esquemas de Imagem (Image Schemas)

Johnson (1987) propôs em sua obra uma lista dos esquemas de imagem mais importantes:

CONTÊINER; EQUILÍBRIO; COMPULSÃO; BLOQUEIO;
CONTRA-FORÇA; REMOÇÃO DE CONTENÇÃO;
ATRAÇÃO; PERCURSO; LINK; CENTRO-PERIFERIA;
CICLO; PERTO-LONGE; ESCLA; PARTE-TODO; MESCLA;
DESDOBRAMENTO; CHEIO-VAZIO;
CORRESPONDÊNCIA; SOBREPOSIÇÃO; INTERAÇÃO;
CONTATO; PROCESSO; SUPERFÍCIE; OBJETO;
COLEÇÃO.

Como há subesquemas, não podemos caracterizar essa lista como algo pronto e acabado. Até mesmo por termos estudos que se dedicam aos diferentes tipos de níveis que há nos esquemas de imagem, como o de Peña (2008). Optamos assim por explicar e exemplificar os principais esquemas de imagem que irão nortear a análise das colocações escolhidas para a realização deste trabalho.

A. ESQUEMA PERCURSO (SOURCE - PATH – GOAL SCHEMA)

Quando começamos a dar os primeiros passos, e até mesmo engatinhamos, nos movemos em direções distintas. Justamente dessa vontade de percorrer os diversos “caminhos” surge o esquema de imagem de PERCURSO, o qual é formado por três elementos: ORIGEM, TRAJETO e META (SOURCE – PATH – GOAL, em inglês). Resumidamente, ilustra a possibilidade de sair de um ponto e chegar a outro.

A sua lógica básica é:

1. Indo da origem ao destino, por um determinado percurso, deve-se passar por pontos intermediários.
2. Avançando ao longo do caminho, mais longe se fica do início⁵.

Logo, em *Siga em frente*, identificamos um trajeto físico. Enquanto nas orações abaixo:

- a. A sua vida não vai para a frente.
 - b. Sua vida só anda para trás.
 - c. A sua vida não sai do lugar.
- Temos como domínio a ideia de progresso. No exemplo a, identificamos que a vida não progride; no b há instanciado o conceito de regresso; enquanto em c temos a estagnação.

Na língua inglesa podemos identificar esse mesmo domínio em: *They asked me how the project was going on*, uma vez que se questiona o rumo que o projeto está tomando, ou seja, direção (DESTINO). Lakoff (1987) afirma que o uso desse esquema de imagem está relacionado a propósitos, por isso é muito utilizado na estruturação de eventos complexos. No caso, propósitos seriam os destinos. Para alcançá-los, precisamos passar por um caminho que pode ou não ter impedimentos.

B. ESQUEMA DE CONTATO (CONTACT SCHEMA)

Basicamente, o esquema de CONTATO ocorre quando não há distância entre duas entidades (PEÑA, 2008).

⁵ FELTES, H.P.M. Semântica Cognitiva e Modelos Culturais: perspectivas de pesquisa.

Disponível em:

<http://www.pessoal.utfpr.edu.br/paulo/semantica%20cognitiva_introducao.pdf> Acesso em: 05 jan. 2014.

Na verdade, podemos dizer que uma entidade exerce controle sobre a outra. O esquema PERTO - LONGE contribui para a construção da proximidade dos elementos, enquanto o de SUPERFÍCIE revela que há um limite e uma região dimensional (PEÑA, 2008). "A" influencia "B", mas "B" não influencia "A", temos aqui um princípio de intransitividade. *Be in touch* (Mantenha o contato) instancia literalmente esse esquema de imagem. Em *her enthusiasm touched me*, podemos identificar a influência da entidade entusiasmo no enunciatário e a SUPERFÍCIE é projetada pelo verbo *touch*, que revela em sua essência o contato com alguma superfície.

C. ESQUEMA DE LIGAÇÃO (LINK SCHEMA)

Formado por dois elementos que se ligam, esse esquema de imagem pode ser ilustrado quando crianças pequenas criam aparelhos de telefones, utilizando um barbante e duas latas comuns. Afinal as extremidades, ou seja, os participantes da suposta ligação telefônica são “conectados” por um barbante. Peña (2008, p. 1062) cita que os elementos estruturais do esquema de imagem de LIGAÇÃO são duas ou mais entidades que possuem alguma conexão entre elas. "A" está ligado a "B", que é restringido e depende de "A", como os conceitos de escravidão e liberdade:

escravidão: ligação (há dependência)

liberdade: não ligação (ausência de algo que prenda)

O ato de dizer que as pessoas são almas gêmeas constrói a noção de ligação, pois são duas almas afins. Em *They had been going out for a couple of years before they broke up, break up* indica rompimento de relacionamento. Desse modo, ocorre o “desligamento” dos dois membros do casal.

D. ESQUEMA DE CONTÊINER (CONTAINER SCHEMA)

Frequentemente guardamos algo em nossa bolsa, entramos em um ônibus ou em nossas próprias residências. Nesse caso, bolsa, ônibus e casa representam o esquema de CONTÊINER. Embora ônibus, bolsa, quarto revelem um exemplo prototípico desse

esquema de imagem, também podemos dizer que sofá é um CONTÊINER. De acordo com a proposta de Peña (2008) o sofá seria uma superfície, característica que produz um conceito mais flexível de fechamento. No caso, se alguém está sentado em um sofá dizemos que ele está parcialmente fechado no objeto, ou seja, há um limite maleável. Todavia, se dissermos que o homem está preso no carro, entendemos que ele está totalmente fechado ou separado (CONTÊINER). Por conseguinte, a diferença entre os esquemas de CONTÊINER e SUPERFÍCIE têm relação com o grau de limite entre a entidade e o objeto/ situação. Diante do esquema de CONTÊINER, a autora (PEÑA, 2008) agrega esquemas subsidiários: como CHEIO - VAZIO (FULL - EMPTY) e EXCESSO (EXCESS). O fato de o líquido (leite) ultrapassar o limite do utensílio (*boil over*) no exemplo: *I left the milk on the cooker and it boiled over*. *Boil over* significa que o líquido ferveu, esparramou, ou seja, saiu do contêiner (EXCESSO).

O conceito de esquema de imagem é fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa, pois explica o como a nossa mente é capaz de processar pensamentos abstratos por meio das experiências corporais com o meio em que vivemos. Enfim, não há um pensamento, expressão ou acepção que não seja embasada nos nossos padrões de percepção (LAKOFF; JOHNSON, 1980).

2 Procedimento Metodológico e Corpus da Pesquisa

Esta pesquisa baseia-se na abordagem qualitativa, pois visa estimular a reflexão em relação à problemática apresentada, ou seja, como afirma Flick (2009, p. 16) “é uma atividade que posiciona o observador no mundo. Ela consiste em um conjunto de práticas interpretativas e materiais que tornam o mundo visível”. Procedendo a estudos bibliográficos, a análise do corpus e a observação do como as colocações são ensinadas nos livros didáticos utilizados nas escolas estaduais de Ensino Médio.

Inicialmente observamos o como os livros didáticos exploram o ensino das colocações da língua inglesa, a fim de identificar os critérios, a abordagem e a problemática derivada desse tipo de tratamento. Em seguida buscamos em trabalhos teóricos as tendências de pesquisas sobre o assunto em questão, para que assim definíssemos os parâmetros para as análises e observações da questão semântica das colocações do inglês.

O corpus foi definido a partir da ocorrência das colocações em textos jornalísticos, livros destinados ao ensino do inglês e entrevistas. Uma vez delimitado o corpus, analisamos as colocações por meio da Teoria dos Esquemas de Imagem, a fim de demonstrar os aspectos que não são considerados na abordagem tradicional de ensino. Sobretudo, que a tradução isolada dos termos não é suficiente para a compreensão do texto, pois muitas vezes faz-se necessário conhecer aspectos culturais, econômicos e até mesmo políticos do país (dimensão pragmática) em que a língua é utilizada.

3 Resultados e Discussões

Apresentaremos aqui uma proposta de análise de algumas colocações, que foram selecionadas a partir do seu uso e frequência em textos jornalísticos, publicitários (disponíveis na Internet) e situações rotineiras de comunicação (*saying hello*). Dentre os jornais *online* em língua inglesa pesquisados utilizamos: *New York Times*; *Daily Mail*; *The Guardian*; *CBC News* e *Standard*. A análise utiliza os princípios da Teoria dos Esquemas de Imagem e tem como objetivo esclarecer que nem todas as colocações são metafóricas, mas podem ser processadas por meio da linguagem corporificada (Teoria dos Esquemas de Imagem).

3.1 Os esquemas de Imagem e as *Collocations* do dia a dia

Rotineiramente, um aprendiz de língua inglesa depara-se com um vasto vocabulário, repleto de palavras novas e de diferentes combinações. Interessante notar que muitas colocações são interpretadas pelo uso constante, o que dificulta a apropriação do sentido expresso. Seguem algumas análises:

Greetings: o simples ato de cumprimentar o amigo ou alguém representa um esquema de imagem de PERCURSO no tempo:

good morning = percurso do tempo durante a manhã

good afternoon = percurso do tempo a partir do meio dia até o entardecer (*after* = depois; *noon* = meio dia)

good evening = percurso do tempo do anoitecer até o momento de dormir

good night = percurso do tempo durante o período em que dormimos

Explicando essas expressões por meio do esquema de PERCURSO no tempo, com os seus vários limites, os discentes terão mais facilidade em utilizá-las no dia a dia. Afinal, *good evening* e *good night* não projetam o mesmo domínio como exposto na figura 1. O primeiro é utilizado quando chegamos a um local, ao entardecer, e o segundo, que se assimila ao conceito de *bye*, indica que a pessoa irá embora ou dormir.

Figura 1 – Representação do Esquema Imagético PERCURSO com os *Greetings*

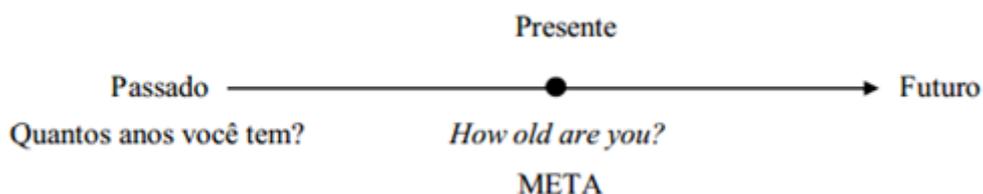


Fonte: Elaboração própria.

Introduce Yourself: sempre aprendemos sobre como devemos nos apresentar e perguntar sobre aspectos pessoais do interlocutor. Um exemplo clássico é como perguntamos a idade das pessoas. Em inglês, emprega-se: *How old are you?* Essa expressão formulaica⁶ projeta o percurso da vida (ESQUEMA DE PERCURSO), com foco no momento presente, ao qual já se chegou, portanto META. Diferentemente da Língua Portuguesa que, embora tenha a mesma projeção, coloca o foco no tempo que já passou, pois perguntamos: *Quantos anos você tem?* No caso, o verbo *ter* instancia a ideia de posse, ou seja, quantos anos você tem / viveu no passado. Em inglês e francês (*Quel est ton âge?*) questiona-se sobre a idade em que você se encontra, pois não é algo fixo, em poucos dias ou meses pode ser alterado.

Figura 2 – Representação do Esquema Imagético PERCURSO com a colocação *How old are you?*

⁶ uma sequência, contínua ou descontínua, de palavras ou outros elementos significativos, que é, ou parece ser, pré-fabricado (WRAY, 2002).



Fonte: Elaboração própria.

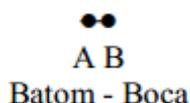
3.2 Outros tipos de colocações

Há colocações que são amplamente utilizadas nos diferentes tipos de mídias e que exigem um conhecimento discursivo e pragmático no processo de interpretação do texto. Traduzir os termos isolados pode ser uma estratégia adequada para a aquisição de vocabulário, mas não auxilia na percepção do contexto e do propósito do enunciatário ao produzir determinada sentença. Exemplo disso são as adaptações criadas sobre os títulos de filmes ou desenhos traduzidos no Brasil.

Wear lipsticks: é um exemplo de esquema de CONTATO. A tradução de *wear* por vestir, em contextos como *He was wearing a coat*, esconde o fato de que o sentido desse verbo, em inglês, é muito mais abrangente, significando qualquer coisa que entre em CONTATO com o corpo, seja uma roupa, brincos, batom, perfume etc. Dizer, em inglês, algo como *she was using lipsticks* é, portanto, desrespeitar a colocação inglesa. Acessando a Internet norte-americana, encontramos, por exemplo, textos como:

*Easy Tips for Wearing Red Lipstick*⁷(Tutorial Online). (Dicas fáceis para usar batom vermelho)

Figura 3 – Representação do Esquema Imagético CONTATO com a colocação *wear lipstick*



Fonte: Elaboração própria.

⁷ Disponível em: <http://www.realsimple.com/beauty-fashion/makeup/lips/easy-tips-wearing-red-lipstick-10000001635060/> Acesso em: 02 maio 2014.

A diferença entre o *use* (usar, fazer uso de, empregar) e *wear* (vestir, usar ou calçar algo) fica nítida quando relembremos o famoso caso da atriz norte-americana Marilyn Monroe, quando, em abril de 1960, o jornalista George Belmontem lhe dirigiu a pergunta: *What do you wear to bed?* Em resposta, obteve:

“What do I wear to bed? Why, Chanel No. 5, of course”.

Essa resposta indicava que ela dormia utilizando apenas o perfume da marca famosa (CONTATO). O jornal *Daily Mail* produziu uma reportagem⁸ explicando como utilizaram um áudio de 1960 para criar uma campanha recente para esse perfume, que ficou famosa pela espontaneidade e conteúdo de informação revelada.

To be in his/ her shoes: Essa expressão equivale, em português, a estar na pele de alguém. Em ambos os casos, temos o esquema de CONTÊINER, pois a pessoa se coloca na situação que está sendo vivenciada pela outra, a fim de achar uma possível solução ou até mesmo refletir sobre as consequências que serão vivenciadas. O que difere, entre as duas línguas, é o tipo de CONTÊINER.

Figura 4 – Representação do Esquema Imagético CONTÊINER com a colocação *to be in her/his shoes*



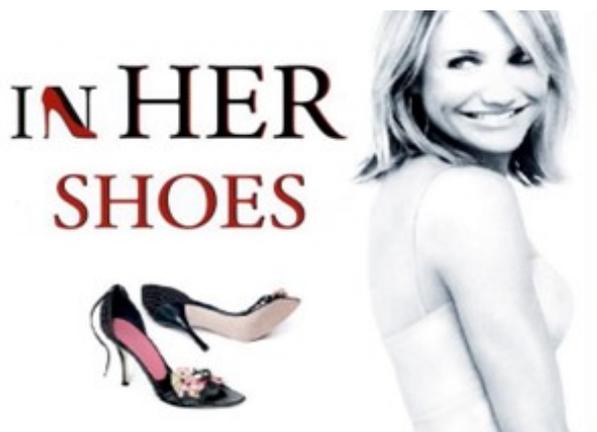
Fonte: Elaboração própria.

Ao contrário do esquema ilustrado anteriormente, agora, o movimento é para dentro do CONTÊINER, ou seja, DENTRO da situação. Em 2005 foi lançado o filme: *In her Shoes*, que no Brasil recebeu o título: *Na sua pele*. O título, além de ter o sentido

⁸ Reportagem disponível em: <<http://www.dailymail.co.uk/femail/article-2487950/Marylin-Monroe-reflects-favorite-bedtime-ritual-new-Chanel-No-5-ad.html>>. Acesso em: 14 fev. 2014.

de estar no lugar, na situação de alguém, era uma alusão ao fato de as duas irmãs (protagonistas) terem em comum o mesmo número de sapato. Percebe-se que a tradução do título para o português não preservou a dupla significação exposta em inglês.

Figura 5 – Cartaz do Filme *In her shoes*



Fonte: Disponível em: <<http://pipedreamsfromtheshire.wordpress.com/tag/vso/>>> acesso em:02 maio 2014.

Na manchete: ‘*Walk a Mile in Her Shoes*’: *Campaign highlighting women of substance launched in Lahore*⁹.

O foco da marca de sapatos é divulgar diferentes experiências, valores e lições de mulheres paquistanesas que assumem diferentes papéis na sociedade (demonstrar o processo de empoderamento da mulher paquistanesa) e inspirar as jovens a perseguirem os seus sonhos e a compartilhar as suas histórias.

Carry on (seguir em frente, continuar): nessa colocação temos o esquema de imagem de PERCURSO, no caso em que a pessoa deverá permanecer no trajeto. Essa expressão tem sido amplamente utilizada em redes sociais, camisetas, canecas, acessórios (*Keep calm and carry on*).

⁹ Disponível em: < <http://www.dailytimes.com.pk/entertainment/01-May-2014/walk-a-mile-in-her-shoes-campaignhighlighting-women-of-substance-launched-in-lahore>> Acesso em:02 maio 2014.

Figura 6 – *Keep Calm and Carry On*



Fonte: Disponível em: <http://super.abril.com.br/blogs/historia-sem-fim/conheca-a-origem-do-keep-calm-and-carry-on/>> acesso em: 10 mar. 2014.

O blog da Abril¹⁰ criou um post para explicar a origem dessa combinação que virou febre recentemente. No texto, fala-se que a origem remonta à primavera de 1939, momento em que a Inglaterra se juntou às tropas aliadas para enfrentar o exército alemão durante a Segunda Guerra Mundial. O governo, a fim de acalmar a população, imprimiu pôsteres que seguiam o mesmo padrão de design: em um fundo vermelho, a frase *Keep calm and carry on*, tendo sobreposta a coroa do rei George VI. O cartaz foi guardado, pois só devia ser utilizado em momento de crise caso houvesse, de fato, uma invasão alemã à Inglaterra. Felizmente, não precisou ser usado. Todavia, em 2000, uma dona de livraria encontrou um exemplar empoeirado desse pôster e o colocou em uma moldura. O cartaz virou sucesso entre os clientes e foi divulgado mundialmente, passando a ser utilizado para inspirar pessoas a superar situações difíceis.

Essa breve sistematização e descrição das colocações mais frequentes nos mostram que a todo momento as utilizamos, desde as colocações mais simples até as

¹⁰ Disponível em: <http://super.abril.com.br/blogs/historia-sem-fim/conheca-a-origem-do-keep-calm-and-carry-on/>> Acesso em: 10 mar 2014

mais complexas, mesmo que em um contexto informal de fala, fator que permite reafirmarmos a importância de, ao estudar, levar em conta que os textos, nas línguas humanas, não são constituídos apenas por sequências de palavras alinhadas uma a uma, mas por colocações que diferem de língua para língua, e muitas vezes, são mais abstratas, envolvem componentes metafóricos e a tradução das partes (ao pé da letra) não permite entendê-las. Eis mais uma colocação em português: ao pé da letra. Em inglês, diz-se simplesmente *literal* ou *literally*.

Considerações Finais

O tempo todo atribuímos sentido ao mundo, de maneira engenhosa e imperceptível aos olhos. O nosso cérebro é uma máquina que nos permite categorizar, nomear, processar e cristalizar essas ações por meio de palavras.

O processo de cognição e de aprendizagem de um idioma ocorre de maneira diferente, pois cada indivíduo tem o seu conhecimento de mundo, sua cultura e sua experiência. Justamente por isso, este trabalho teve como premissa entender o comportamento das colocações da língua inglesa, a fim de contribuir para uma aprendizagem mais clara e objetiva. Tudo isso com o auxílio da Teoria dos Esquemas de Imagem (1980) e dos princípios da Linguística Cognitiva (1970).

Buscamos mostrar que o uso dos Esquemas de Imagem pode auxiliar na compreensão do idioma, pois identificamos que a nossa relação com o mundo é responsável pela aquisição de alguns conceitos fundamentais, os quais nos auxiliam a diferenciar o uso do verbo *sair* em inglês, por exemplo, como em *Mary goes out the car* ou *Mary goes out of her depression*. Ambas as situações envolvem um CONTÊINER e um movimento para fora dele. No primeiro caso é físico e, no segundo, psicológico.

Acreditamos que a descrição das colocações, levando em consideração os Esquemas de Imagem, pode auxiliar no desenvolvimento da fluência. Portanto, ao enxergar o processo de significação, o uso fará mais sentido.

A língua inglesa é rotulada como difícil por ter uma grande quantidade de expressões e colocações, por isso a maioria dos aprendizes desanima e os manuais didáticos tratam-nas como simples atividades de relacionar colunas. Logo, é necessário olharmos para o ensino das colocações com cautela, tentando esclarecer o jogo de

sentido construído e possibilitando que os discentes aprendam de maneira coerente e funcional.

Observar o funcionamento do idioma por meio das teorias escolhidas teve como intuito minimizar os problemas com o ensino das colocações, sobretudo, demonstrar que a compreensão do processo pode contribuir para a construção apropriada do significado. Além disso, a língua inglesa é repleta de histórias e explicações culturais, o que torna a aprendizagem mais desafiadora e significativa.

Referências

ABREU, A. S. *Linguística Cognitiva: uma visão geral e aplicada*. Cotia: Ateliê, 2010.

DAMÁSIO, A. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

EVANS, V.; GREEN, M. *Cognitive Linguistics*. Edinburgh: University Press, 2006.

FELTES, H.P.M. *Semântica Cognitiva e Modelos Culturais: perspectivas de pesquisa*. Disponível em: <http://www.pessoal.utfpr.edu.br/paulo/semantica%20cognitiva_introducao.pdf> Acesso em: 05 jan. 2014.

FLICK, U. *Desenho da pesquisa qualitativa*. Tradução de R. C. Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

JOHNSON, M. *The Body in the Mind: The Bodily Basis of Meaning, Imagination, and Reason*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by: afterword*. Chicago: Chicago University Press, 1980.

_____. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.

PEÑA, M. S. Dependency systems for image-schematic patterns in a usage-based approach to language. In: *Journal of Pragmatics* 40, 2008, p. 1041-1066.

WRAY, A. *Formulaic Language and the Lexicon*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

